

Diversão & Arte

Cena de
O brutalista

» PEDRO IBARRA

O brutalismo foi um movimento arquitetônico popular entre os anos 1950 e 1970 que teve início como o pós-guerra na Europa. As características desse tipo de arquitetura são o concreto quase na forma pura, sem adornos. A estrutura é entendida como uma parte estética das obras. É de e voltada para as funções práticas, mas que não perde em beleza. Porém, também é uma resposta estética a um período de tristeza, luto e falta de esperança. Essa essência está na longa *O Brutalista*, estreia da semana no Brasil.

Dirigido por Brady Corbet, o longa, com mais de três horas de duração, acompanha o arquiteto húngaro ficção Laszlo Toth, um profissional renomado na Hungria que precisa fugir da Europa, por ser judeu em um período do avanço das ideias nazistas. Ele chega aos Estados Unidos sem perspectivas e precisa trabalhar para conseguir co-

GANHADOR DO GLOBO DE OURO, E COM 10 INDICAÇÕES PARA O OSCAR, O FILME O BRUTALISTA MISTURA ARQUITETURA COM IMPORTANTE MENSAGEM SOBRE O DRAMA DA IMIGRAÇÃO NOS EUA

Universal

Filme de Brady Corbet está entre os favoritos para o Oscar

Luiz Gustavo Pradol/Secom/UnB

» Mais perto do que se imagina

O brutalismo é um movimento dentro do modernismo. Brasília é toda pautada no pensamento arquitetônico moderno. Portanto, é possível ver obras brutalistas na capital. Apenas na UnB, as colunas do ICC e o prédio da reitoria são obras que tem traços do movimento brutalista. Não é preciso ir para Europa para contemplar uma bonita arquitetura.

REALIDADE

e da falsidade no chamado so-

Como um arquiteto formado na Bauhaus, Laszlo precisa trabalhar como carvoeiro do imigrante não depende de talento, seja lá o que ele fizer ou souber, eles sempre serão considerados menores e menos importantes. Um filme que conta uma história das décadas de 1940, 1950 e 1960, mas que levanta uma discussão sobre a atualidade. Afinal, escancara ainda mais a xenofobia norte-americana que o atual presidente do país. Do-questão de esconder.

Esteticamente, o filme passa pelas cores e escolhas, desde a fotografia até dos créditos, a mesma sensação que a história propõe. É um longa cru e que se alicerça como uma obra arquitetônica nos grandes atores Adrian Brody, Felicity Jones e Guy Pearce, em interpretações inspiradas. Porém, como qualquer monumento brutalista, tem cada detalhe pensado para funcionar perfeitamente enquanto entrega, e muito, em beleza.

Duração e intervalo

Um dos pontos mais comentados do filme é a duração. A narrativa se desenvolve em 3 horas e 36 minutos. No entanto, o longo tempo na sala do cinema não incomoda. A história precisa desse ritmo para se desenvolver. A escolha dos cinemas por fazer um intervalo de 15 minutos no meio da película é justa, uma vez que traz um efeito psicológico, pois faz a passagem do tempo ser menos percebida.

Trazer uma discussão ge-racional, ou social, da escopo desse intervalo ser feita por causa da falta de atenção do público atual é invulgar. Longas como *E o vento levou* (1939) e *Lawrence da Arábia* (1962) também tiveram uma pausa na exibição, devido à longa duração, e as redes sociais.

FESTIVAL DE BERLIM

CINEMA DA DIVERSIDADE

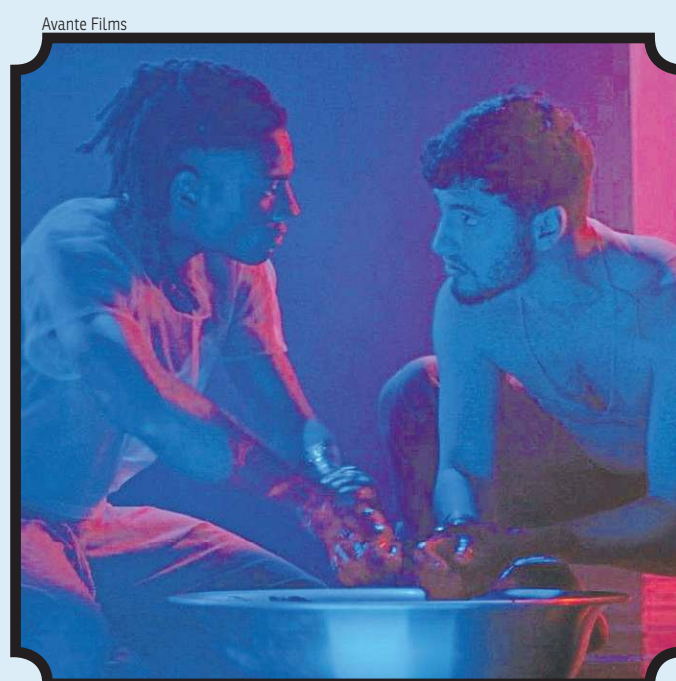
» RICARDO DAEHN

Descrito como um suspense erótico no qual desejo e perigo andam de mãos dadas, o longa brasileiro *Ato noturno* chega à reta final de exibições no 75º Festival de Berlim, no qual compete na mostra Panorama. A atualidade parece gritante, já que em meados de janeiro houve divulgação do Surubão do Arpoador e, recentemente, o Brasil viveu candidaturas e eleições à Câmara dos Deputados. No filme, Matias, um ator gay (vivido por Gabriel Farias), que curte sexo em locais públicos, se enamora de Rafael (Cirillo Luna), que tenta vaga na Câmara da política.

“Não existe contradição entre erotismo e drama ou no desenvolvimento de personagem. Acho que o desejo move as

personas, as faz questionar quem são e o que a sociedade espera delas. O erotismo então se revela um elemento muito importante em nosso cinema e pode ser uma força disruptiva”, opina Filipe Matzenbacher (codiretor, ao lado de Márcio Reolon). Já vencedores do Teddy Awards (vital no reconhecimento de filmes com teor LGBT), Matzenbacher e Reolon (distinguidos por *Tinta bruta*, vencedor ainda, no Festival do Rio, como filme e melhor roteiro) disputam novamente o prêmio, no passado, vencido por diretores como Pedro Almodóvar e Todd Haynes.

Na terceira participação em Berlim (debutaram com *Beira-mar*, em 2015, selecionado para o segmento Forum), a dupla, na trama de *Ato noturno* traz um ator de comportamento nem tão



Ato noturno: longa brasileiro, no Festival de Berlim

bem-visto, frente à concorrência profissional junto ao colega Fábio (Henrique Barreira), com quem disputa papel. A interferência da realidade parece casar com o caso público de Karla Sofia Gascón, atriz do longa *Emilia Pérez*.

A convulsão do momento, com a escalada de Trump e o cancelamento da atriz trans Karla Sofia traz reflexões de Márcio Reolon. “A relevância de defender personagens LGBT não ocorre somente hoje, mas vem de sempre. Pessoas LGBTs existem e cabe ao cinema também inseri-las nos universos criados e entender o lugar dessas vidas no mundo. Desde nossa época de faculdade já pesquisamos cinema queer, fomos programadores de festivais de cinema LGBT e nos parece muito natural e essencial utilizar dissidências de

gênero, performance e orientação sexual para discutir parte dos conflitos de nossa sociedade”, demarca Reolon.

A multiplicidade de personagens queer traz a beleza do aprofundamento dos estudos cinematográficos, na avaliação de Márcio Reolon. “Diferentes diretores criam personagens, universos e histórias muito distintas. Quanto mais artistas assim o fizerem, mais possibilidades de vivência e de sonhos serão possíveis”, avalia. Em 2025, outros brasileiros competem ao troféu, a ser entregue amanhã: Gabriel Mascaro e a brasileira Rafaela Camelo. No passado, o Brasil foi vencedor, com filmes dos cineastas Anna Muylaert, Felipe Scholl, Gustavo Vinagre e Daniel Ribeiro, além da dupla Kiko Goifman e Claudia Priscilla.